

25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBa – Salvador-Bahia-Brasil

O ético e o estético na construção do Desenvolvimento

Lucílio Orlando Manjate¹

Resumo: Este trabalho problematiza a noção de Desenvolvimento com a qual os países chamados subdesenvolvidos se confrontam quando pensam e actuam no sentido de melhorar as condições de vida dos seus povos partindo de experiências geralmente não próprias. Partimos do princípio de que subjaz na ideia de ser-se desenvolvido uma relação de tensão entre ordens de pensamento distintas que gera a intolerância na origem de preconceitos como os binómios cidade/campo, centro/periferia, Norte/Sul. Tentamos provar, a partir de dois contistas moçambicanos que pensam esta matéria, que o conceito de Desenvolvimento é tão vazio que cada nação pode e deve teorizar, partindo de premissas culturais próprias, uma ideia de ser-se desenvolvido.

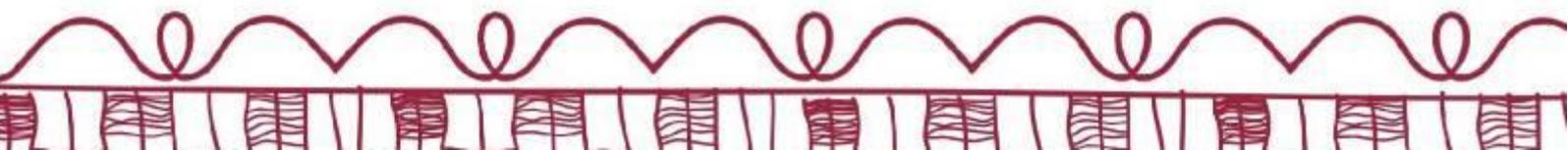
Palavras-chave: tensão, intolerância, Norte/Sul, premissas culturais próprias, Desenvolvimento

E a questão que se coloca é: como acomodar todas essas particularidades – que, nalguns casos, assumem uma dimensão verdadeiramente conflituante – num diálogo acima de tudo cultural que se pretende não só integrador mas também desenvolvimentista?

Francisco Noa

in *A Letra, a Sombra e a Água*, 2008

¹ Assistente na Secção de Literatura, Departamento de Linguística e Literatura, Faculdade de Letras e Ciências Sociais – Universidade Eduardo Mondlane. E-mail: cicopi07@yahoo.com.br



1. Introdução

Repetindo...

A abordagem que propomos enquadra-se na área temática Cultura e Cidade. Pretendemos, a partir deste tópico, mostrar como a Literatura Moçambicana, seguindo o percurso da sua formação, partindo de um chão local, teoriza dinâmicas e tensões universais no âmbito das relações entre o(s) centro(s) e a(s) periferia(s), chamando desde já atenção que a flexão em número constitui uma sugestão para a existência de vários e diversificados centros e periferias, interpretados em função do sentimento de pertença e conseqüente valorização de espaços a partir dos quais os sujeitos olham e criticam, seja esta positiva ou preconceituosa, espaços outros. Avançamos esta ideia seguindo a fórmula de José Doin e Dulce Guimarães, para quem "aquilo ao qual convencionamos chamar de “global” adquire uma existência mais próxima do “concreto” quando o (re)construímos dentro dos limites do possível, sob os signos da ambivalência e da contradição e por meio das singularidades dos atores e instituições e da pluralidade de casos e experiências".

Pareceu-nos bem pensar sobre esta problemática seguindo uma perspectiva diacrónica ou geracional, se quisermos, acreditando que a mesma permite captar as representações simbólicas dinâmicas a ele respeitantes e em constante debate.

Subjaz na teorização existente sobre as relações e tensões evocadas pelos binómios centro/periferia, cidade/campo, um debate primeiro e último que a justifica, o debate sobre a ideia de Desenvolvimento. É a partir deste pressuposto que perseguimos o objectivo último da nossa exposição: a tentativa de busca de fundamentos para uma ideia de Desenvolvimento, um conceito que, sendo inegável o aumento do fosso entre os países ditos desenvolvidos e os ditos subdesenvolvidos, a que questionar o que pretende o conceito Desenvolvimento significar, sob o risco de estar-se a significar, literalmente, o abstracto.

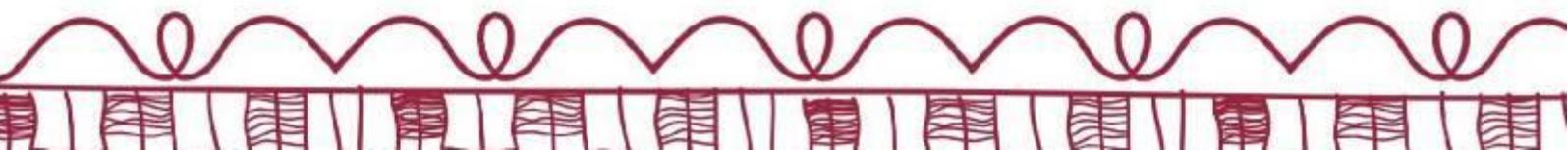
Os axiomas fundadores de uma teoria de sociedade desenvolvida ou moderna na perspectiva europeia passarão, inevitavelmente, por uma racionalidade que se materializa fundamentalmente na mecanização. De facto, uma cidade moderna deverá ter o peso da Ode Triunfal de Álvaro de Campos, por exemplo:

“Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!

Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!

Em fúria fora e dentro de mim,

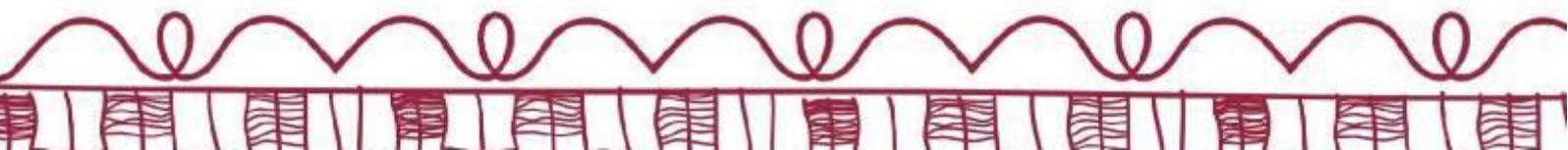
Por todos os meus nervos dissecados fora,



*Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arder-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De Expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!
(...)
A maravilhosa beleza das corrupções políticas,
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,
Agressões políticas nas ruas,
E de vez em quando o cometa de um regicídio
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus
Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!
(...)
Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!
Eh-lá-hô recomposições ministeriais!
Parlamento, políticas, relatores de orçamentos,
Orçamentos falsificados!
(Um orçamento é tão natural como uma árvore
E um parlamento tão belo como uma borboleta.)”²*

Tudo o que não for ocidental será periférico, portanto. Contudo, os axiomas fundadores de uma teoria de comunidade “desenvolvida”, numa perspectiva africana, defendem uma lógica outra. Segundo Etounga-Manguelle (1991), os valores que, tradicionalmente, encontramos em África e que se distinguem daqueles, de boa ideologia capitalista, promovidos pelo Ocidente passam, por exemplo, por uma recusa à tirania do tempo, o apagamento do indivíduo face à comunidade, a aceitação e a canalização das paixões (principalmente pela ritualização) e uma resistência à acumulação de riquezas. Torna-se sugestiva a leitura que Salvato Trigo faz do célebre “Namoro”, de Viriato da Cruz. Segundo Trigo, a narrativa descreve cinco momentos da frustração de benjamim em requestar a sua amada, correspondentes a outras tantas atitudes da sua parte afastadas do espaço de identidade de valores africanos a que a

² IN MARTINS, Francisco. *Ao encontro de Fernando Pessoa – Antologia*. Porto: Edições ASA



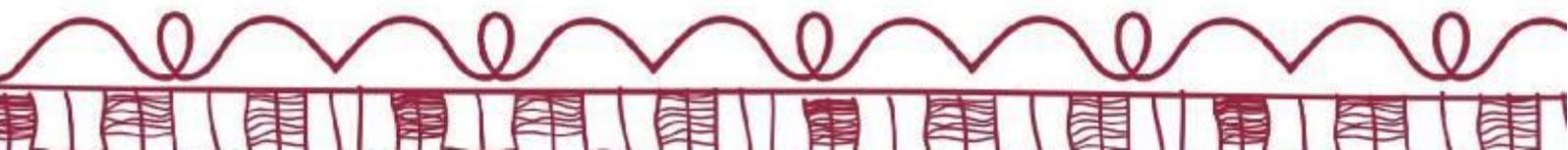
moça responderia afirmativamente. “Ele, o namorado alienado, teve que abandonar os estratagemas culturais europeus e bem assim o obscurantismo negro do “feitiço”, para se reencontrar com a amada. Só quando se resolveu a ir a um baile bem africano, daqueles que constituíam nos musseques a nas sanzalas focos de resistência cultural e de preservação de valores próprios, é que obteve a satisfação do seu desejo de amar uma mulher africana. Foi a música africana, a rumba, que os aproximou psicologicamente.”.

“O texto de Viriato da Cruz, [prosegue Trigo] ganha uma simbologia especial, se virmos nele, para além do caso individual de Benjamim, a figuração da procura da África pelo homem africano, dela afastado por razões culturais e psicológicas criadas pela situação colonial, que tem de postergar os valores estranhos que transporta, se quiser ser por ela recebido e amado.”.

Depreende-se que o poema de Viriato da Cruz, que é apenas um exemplo, já teoriza a tese de Etounga-Manguelle. De facto, o tema do *regresso às origens* aí plasmado tece-se seguindo a lógica do abandono do espaço comunitário em defesa de um destino individual, conseqüente punição e posterior regresso à comunidade ou regeneração; foi a dança da rumba, veículo de tantos outros *objectos culturais* que significou a reconciliação com essa comunidade; as estratégias de Benjamim, materialmente consideradas são um caminho para a ostentação que a comunidade rejeita.

O poema sugere, portanto, que o que não for africano será periférico. Estar no centro ou na periferia é, portanto, uma noção de espaço e de identificação que esse espaço cria. Os espaços cidade/centro e campo/periferia, cujas definições parece implicarem a definição do seu oposto "radical" do ponto de vista sócio-económico-cultural, podem ser vistos, portanto, de ângulos diferentes e diversificados. A propósito da cidade, Italo Calvino considerou-a uma realidade múltipla, apreendida segundo perspectivas várias. Sendo assim, pode ser percebida, entendida e interpretada como um fenómeno mental, físico, social, económico, instâncias de investigação em muitas ocasiões conciliáveis e cuja escolha está baseada em olhares distintos que lhe são dirigidos, como o do historiador, do geógrafo, do arquiteto, do urbanista, do filósofo, do economista, do antropólogo, do cientista político, do literato e de tantos outros³. Vale a pena então captar o olhar do geógrafo Manuel Araújo, para quem dentro do mesmo grande espaço urbano são produzidas diferentes unidades que funcionam como espaços

³ José Doin e Dulce Guimarães In *Cidade, modernidade e fenómeno urbano: as múltiplas experiências na América Latina (séculos XIX-XX)*, in <http://www.53ica.com/simposios/eh/1/eh5.pdf>.



com identidade própria, uma resultante do princípio da rejeição entre diferentes grupos, actividades e funções aí observáveis (Serra, 1998). Ainda segundo Araújo, uma primeira divisão de espaços faz-se entre os grupos já urbanos e os recém-chegados do campo e entre o centro e a periferia; criam-se dois tipos de espaços bem diferentes, designados por urbano e suburbano, centro e periferia.

Aqui cumpre-nos chamar atenção para o uso indistinto, e se calhar até abusivo, de periferia como campo.

A discussão que propomos pretende, como já dito e deverá ficar claro mais adiante, partindo do diálogo entre a cidade e o campo moçambicanos, situar a sua dialéctica entre os antípodas da Europa central e da África periférica, seus estereótipos político-económico-culturais. Reza a história colonial, e hoje com novas roupagens, que a Europa, que designamos também por Norte, foi e continua sendo o centro difusor das infra-estruturas psicológicas que foram e são concretizadas em África, o Sul, e que hoje são questionadas. São produto dessa difusão a construção da cidade e do campo. É por perseguir esta concepção arquetípica de relações que começamos, desde já, já no plano do "real", chamando as coisas pelos seus nomes concretos, e abstractos.

Dos autores

Os autores são Pedro Chissano e Rogério Manjate.

Pedro Chissano nasceu no Caniçado, distrito de Guijá, em 1954. Foi o primeiro Secretário-geral da Associação dos Escritores Moçambicanos saído da *Geração Charrua*. Tem publicação dispersa na imprensa moçambicana, da qual escolhemos o conto para a presente abordagem. "liberdade..." foi publicado em Outubro de 1984 na revista literária *Charrua*, nº 003. Publicou "Boas-Festas Chiquito".

Rogério Manjate nasceu em Maputo, em 1972. É escritor, actor e contador de histórias infantis. Organizou a Colectânea breve de literatura moçambicana. Publicou a colectânea de contos "Amor Silvestre", da qual retiramos o conto "Menino do nada na cidade".

Das obras

"liberdade...". Narração autodiegética. Mikas Dunga, protagonista homónimo do autor (e pseudónimo de Pedro Chissano), sai do campo (Golhoza) para a cidade para fazer compras. Queria dobradiças e pregos para a porta da sua palhota, um regador para a machamba e algumas peças de vestuário. Inesperadamente, encontrando-se a contemplar a Cidade de Maputo, desconfiando dele, um milícia exige-lhe o documento de identificação. Satisfeita a solicitação do milícia, este exigiu-lhe de seguida o cartão



de trabalho. Mikas Dunga tentou explicar que era machambeiro em Golhoza, que trabalhava na sua própria machamba, mas, esforço inglório, foi levado para os campos de reeducação.

"Menino do nada na cidade". Narração heterodiegética. O menino chega à cidade vindo não se sabe bem de onde, pois, como assevera o narrador, histórias desses meninos são várias e irreais: uns fugiram da guerra e foram dar à cidade e tornam-se órfãos ao anoitecer. Mas este "Chegou do nada.". Mal chega sofre um assalto, os seus sapatinhos amarelos são-lhe arrancados que nem tempo de deslumbrar-se com a cidade tem. Errante, procura um lugar onde repousar, acabando por repousar recostado à estátua de Samora Machel, primeiro presidente da República Popular de Moçambique. Entretanto, uma gang de molwenes⁴ reclama a usufruto do espaço ocupado pelo menino escorraçando-o a bofetadas e pontapés. O menino vai errar pela cidade até chegar à estátua de Eduardo Mondlane, primeiro presidente da Frente de Libertação de Moçambique. Aí, esfomeado, tonto, cai e morre.

2. Do *locus horrendus* ao *locus amoenus*: para o ético e o estético⁵

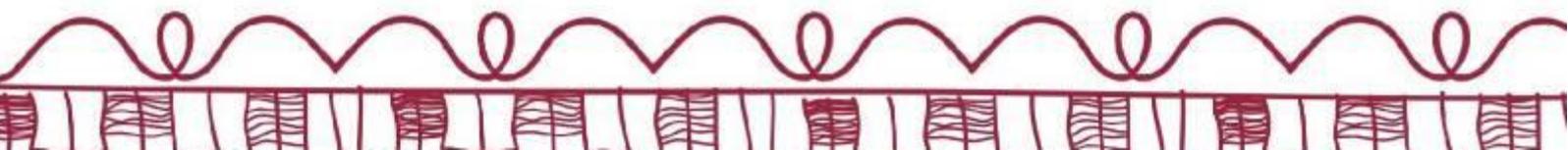
Esta distância é menos física que psicológica e até nostálgica, portanto somente pode ser percebida a partir do drama vivido pelas personagens ou pelo narrador, como é o caso de Mikas Dunga, em "liberdade..." (*l...*). De resto, o título do conto de certa forma já indicia esse universo de angústia e evasão, essa possibilidade de libertação ascensional ou de queda e enredamento no abismo (Aguiar e Silva, 2000). É partindo da imagem da prisão que a cidade representa que se tecem estas temáticas, a angústia e o desejo de evasão em *l...*

"Parei e olhei para os lados, contrariado. O alinhamento dos prédios confundia-se-me com altas muralhas duma penitenciária omnipresente. Os meus olhos, subiram através das suas cores indefinidas, esculpidas pelo tempo e pela chuva, em busca da liberdade para além das alturas" [Sic] – p.28.

Está instalado o jogo de antinomias imagéticas entre o campo e a cidade, paraíso *versus* inferno, um jogo no qual não são alheios intrusões valorativas do narrador autodiegético, importantes do ponto de vista ético e estético, por significar a cidade

⁴ Marginais.

⁵ Não pretendemos discutir filosoficamente o ético e o estético, nem poderíamos. Apenas mostrar que os dois termos podem revestir-se de conceituações diferentes e até conflitantes em função da socialização de quem os pensa, o que de todo não é novidade.



como uma referência, por oposição, ao campo, mostrando, logo no início, a rejeição de Dunga ao espaço da cidade.

"O Menino de nada na cidade" (*MNC*) chega do nada, uma origem niilista porque, segundo o narrador,

"Histórias desses meninos são várias e rarissimamente reais, são enfeitadas para atrair a pena dos turistas e cooperantes brancos: ora porque fugiram da guerra e vieram dar à cidade, mas quando o sol nasce cansado, então são órfãos gerais. Mas, de barriga cheia!, lua se tornam – eu sou livre – fugidos de casa de livres e espontâneas vontades para nos dias de sol e chuva se asfaltarem fiéis às ruas" – p. 57.

O niilismo como estratégia narrativa num texto onde domina a onisciência narrativa somente aparentemente pode ser considerado o que em termos narratológicos se designa paralipse, ou seja, a veiculação de menos informação diegética do que a normalmente permitida pela focalização instituída na diegese (Reis e Lopes, 2000). Na realidade, é nesse espaço da dúvida e da suposição que se atinge essa totalidade do mundo representado em *MNC*, razão por que com ele migramos do campo para a cidade, porque se o conto não afirma essa migração, igualmente não o nega. Mas sugere. De resto, como acontece em *L...*, a cidade é esse espaço horrendo, é, portanto, um espaço marginal, nos sentidos literal e pejorativo do termo, que o menino personifica; um mundo de luz e riqueza efêmero, que enfeitiça e aliena e por isso mesmo corrupto e alienante, propício para o desmoronamento de convenções morais e éticas. É, portanto, o espaço do desmoronamento das infra-estruturas psicológicas supostamente estáveis (a origem niilista do menino assim sugere), afinal o espaço do campo também cria as suas infra-estruturas psicológicas. Desse desmoronamento a consequente substituição por uma ordem outra, assente na subjugação e na agressão:

"Os seus sapatinhos amarelos já foram arrancados e nem tempo de deslumbrar-se com a cidade teve, as lentes das lágrimas tornam toda a paisagem monstruosa: os prédios, os carros, as acácias, as pessoas apressadas. Nos seus olhos cujo brilho afugenta o medo, vê-se que é a primeira vez que esta na cidade que já o abocanha, mastiga e volta a cuspir" in *MNC* – p.58

Já em *L...*, é a partir de um olhar ascensional que nos chega a voluptuosidade dos que estão no prédio, mas, de cima a baixo, esse olhar perde-se no abismo que a cidade deverá representar. Estas são as duas experiências sensoriais do narrador que chega a cidade: irremediavelmente, há que ser *Outro* (**Encantados da vida!**) para ser-se *Próprio* (**E nada me faltava**). No confronto destes olhares atentar-se-á que no sublinhado,



nosso, há a instauração do pólo estético do narrador como indubitável escolha e defesa do campo como ordem de valores outra e que Dunga faz de guardião. Ainda à luz desse olhar, como acontece em *MNC*, percebe-se a leitura da cidade como espaço propício para essa relação de poder e subjugação que o foco vertical e ascensional de Dunga sugere, uma relação castradora do indivíduo em relação ao colectivo e que impinge uma identidade forjada nos meandros do feitiço da alienação que o aprisiona.

"No prédio ao lado, vozes acervejadas, talvez chikhâlabissadas, desciam libertinas lá de cima, entremeando-se com o ritmo animado duma música popular de Seteve Kekana. Palmas e batimentos, no tecto dos outros, secundavam a gritaria solta a plenos pulmões. Imaginei o cenário lá dentro. Gente pior que eu, cabelos desgrenhados, corpos suados, sem camisas, veias dilatadas de calor e álcool, olhos desorbitados e vermelhos de cansaço e alegria forçada. Nas mesas e nas cadeiras, copos transbordando espuma branca em fundos doirados, e piruetas cromadas borbulhando de baixo para cima, e mulheres sorrindo, sem contestar, aos batimentos dos dançarinos. Encantados da vida! ... Cansado e cheio de fome, senti-me preso, mesmo livre. E lembrei-me das libélulas lá da minha terra, o capim alto, ondulando ao vento fresco e puro, as regiões verdes onde nasci e cresci, com bois, ovelhas e cabritos agitando as caudas de fartura à altura das lombas, felizes no seu habitat que era também o meu. E nada me faltava. Na cantina do Lourenço, havia de tudo. Nas nossas machambas, entre feixes de amendoim, o milho crescia em centenas de pés, prometendo sempre boa colheita ... E à noite, barrigas cheias com raparigas em volta da fogueira, dizíamos o tradicional phá-teka-teka⁶ e n'karingane wa n'karingane⁷. Depois, veio Smith com o seu "napalm" e devastou tudo" (...) "A musica continuava lá em cima e com maior força então. Um milícia que vinha a passar, abrandou a marcha e olhou-me desconfiado. Milícias e polícias eram os únicos que me olhavam com especial atenção. Um dia, prenderam-me por não possuir o bilhete de identidade. "Eh companheiro ai... documentos" Eram dois policias e um guê-vé-pê⁸. Aproximei-me e tirei da algibeira a minha velha cédula pessoal, dobrada em quatro partes. Desdobrei-a e soprei-a para a aliviar da poeira, e estendi-a com as duas mãos ao polícia que me olhava com desdém. "Como se chama?" perguntou "Mikas Dunga" respondi. "Bilhete onde está?" Era o

⁶ Adivinha.

⁷ Forma tradicional moçambicana por que se começa a contar histórias.

⁸ Grupo de Vigilância Popular.



mesmíssimo policia com o seu olhar de desprezo. "Ainda não esta pronto" disse eu. Então sentenciou, vai aguardar nova ordem na cadeia." in *L...* – p. 28;

"Tinha andado incansavelmente até desenrascar lugar onde esquentar a sua fome fria com uma soneca, mas escorraçou-o o guarda". in *MNC* – p.58

Ora este espectro se opõe ao campo, cuja imagem sempre horizontal dos campos sem fim, onde o capim alto ondula ao vento fresco, para Dunga, prazenteiro, brincar sem barreiras, mais se adequa a uma relação cujas diferenças são valorizadas e potenciadas, portanto uma relação ética e esteticamente conciliadora, onde as identidades, lugares por preencher, se quisermos parafrasear Derrida, não são questionadas ou são redondas, pois ela, a identidade, está sempre em exercício do que vai ser, que é um exercício de identificação⁹. Com efeito, com base nas considerações que tecemos tanto de *L...* como de *MNC*, vale a pena pensar na cidade como espectro de identidades modeladas, inflexíveis e intolerantes, e no campo como a qualidade diferente e oposta. De resto, como repara Araújo (Serra, 1998), "os diversos espaços são tanto mais diferentes ou semelhantes quanto mais distintos ou iguais social, económica e culturalmente forem os grupos que os produzem".

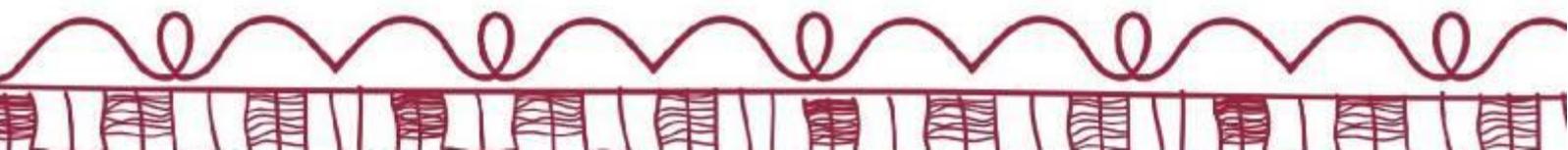
3. O Desenvolvimento

Ora os conceitos de centro e periferia são preconceitos na medida exacta da intolerância dos seus meios difusores. As cidades de pedra, na sua versão moderna das chamadas nações desenvolvidas, na origem de tais preconceitos, têm de ser opostas a outro tipo de "cidades". Evidentemente que isto é uma tentativa de provocação: como chamar Cidade, em África, a coisa que a Europa desenvolvida não toma como sendo? Mas por que a África precisaria de uma Cidade para desenvolver? Ou, por que precisaria a África de desenvolver para ter uma Cidade? Afinal de que é que a África precisa? De cidades? Do Desenvolvimento? O que é uma Cidade? O que é o Desenvolvimento? Porquê ser-se periférico para deixar de sê-lo?

Estas objecções radicais pretendem tão-somente promover a cultura de tolerância cultural a elas subjacentes, esse diálogo horizontal entre a Cidade e o Campo, Centro e Periferia, Norte e Sul.

A teoria sobre o que é uma sociedade desenvolvida, como sobre qualquer coisa, tem de ter um fundamento psicológico e de identificação, um fundamento ético e

⁹ In BERND, Zilá. *Literatura e Identidade Nacional*. 2ª. ed. UFRGS EDITORA, 2005.

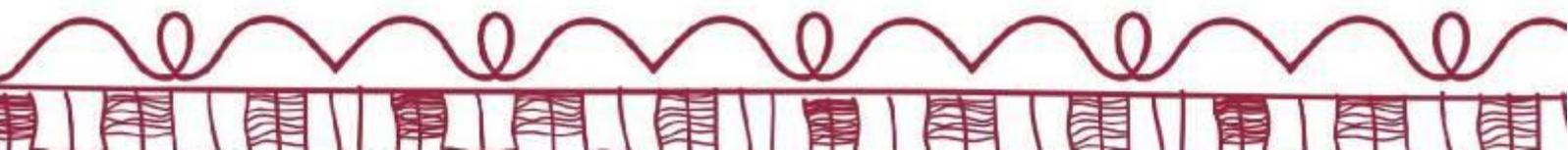


estético. Ora a distância entre estas duas concepções é necessariamente comunicativa, aliás, o fundamento da existência humana. Então somente o diálogo equaciona, aproxima o psicológico e a identificação, o ético e o estético, e produz um avanço. Portanto, é intercambiando diversas linguagens e discutindo que se dá o passo, já diz o ditado: “é falando que a gente se entende”. Ora esta possibilidade está vedada nos dois textos pelo espectro da prisão que a Cidade representa como pelo facto de a identidade de Dunga ter de ser forçosamente revelada, razão pela qual a Cidade, o Centro, o Norte, não passam de quimeras para o Campo, a Periferia, o Sul.

O apelo ao diálogo horizontal é, sem dúvida, urgente. As medidas tomadas para reduzir o fosso entre o Norte e o Sul, como a Globalização, são utópicas exactamente por não promoverem esse diálogo de culturas e, isso sim, criarem Hollywoods adjacentes a musseques ou aos caniçados africanos. De resto, o perigo deste cenário revela-se na escolha dos nossos autores.

4. Conclusão

Nascidos em tempos e contextos diferentes, se é certo que o texto de Pedro Chissano pode ser contextualizado entre os fins do período colonial e o período imediatamente a seguir a independência, o de Rogério Manjate pode ser contextualizado no Pós-Acordos Gerais de Paz. Se faz algum sentido aproximar estes autores por levantarem os mesmos debates, tanto mais faz por provocarem esse debate em tonalidades algo diferentes. Com efeito, enquanto em Chissano o Sul, mesmo que cercado pelo Norte, não perdeu os referentes da sua origem, para os quais nos reenvia de forma dramática, em Manjate, a figura do molwene é a personificação actual do mesmo Sul que ontem não tinha a sua identidade definitivamente aprisionada entre as paredes do Norte, numa relação de subjugação que atinge os píncaros da perda identitária, para o que aponta o niilismo. Está aqui figurada a ideia de que o Sul está, de facto, sem norte, exactamente porque o Norte “o abocanha, mastiga e volta a cuspir”. Que os países ditos subdesenvolvidos estão a “afundar” nesta condição de miseráveis e que agudiza a sua miserabilidade, tornando o seu destino incerto, a ausência de referentes identitários é o que nos pode dizer Manjate. Somente a aceitação do regresso, do namoro até à exaustão com a comunidade pode levar, de facto, à aceitação de que o Desenvolvimento deve ser antes um Envolvimento, e assim um andar, um progredir que deve ser mentalizado e ritualizado. Uma ordem de afectos, porque, como bem diz Mia Couto, *fora de casa sempre faz frio*.



5. Bibliografia

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da Literatura*. 8ª ed. Lisboa: Almadina, 2000.

BERND, Zilá. *Literatura e Identidade Nacional*. 2ª. ed. UFRGS EDITORA, 2005.

DOIN, José, GUIMARÃES, Dulce. Cidade, modernidade e fenômeno urbano: as múltiplas experiências na América Latina (séculos XIX-XX), in <http://www.53ica.com/simposios/eh/1/eh5.pdf>, acessado em 14/03/10, às 11.05.

MARTINS, Francisco. *Ao encontro de Fernando Pessoa – Antologia*. Porto: Edições ASA.

REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Narratologia*. 7ª ed. Porto: Almedina, 2000.

SERRA, Carlos. *Identidade Moçambicanidade Moçambicanização*. Maputo: Livraria Universitária, UEM, 1998.

TRIGO, Salvato. *Ensaio de Literatura Comparada Afro-Luso-Brasileira*. Lisboa: Veja Universidade, s/d.

